

O CATIVEIRO DA UTOPIA

As utopias conservadoras do capitalismo atual, o neoliberalismo e o espaço para alternativas

Pelo Prof. Dr. Franz Hinkelammert
San José (Costa Rica)

Quando em 1976 voltei pela primeira vez ao Chile – onde eu vivera dez anos até o golpe militar – realizou-se ali, no Hotel Sheraton, um Seminário que se intitulava “A nova economia política”. Organizado pelos Chicago Boys, que então estavam no poder no Chile, tinha como convidado especial Gordon Tullock, economista americano da escola da “public choice”. Os da antiga economia política eram perseguidos e até mortos ou então se exilavam.

Naquele Seminário os neoliberais diziam sem rodeios que o seu programa, muito mais que simples programa econômico, era sobretudo o de uma transformação integral de toda a sociedade em todas as suas dimensões. Tullock destacou como posição sua “o imperialismo dos economistas”¹, ou seja, devia-se reestruturar toda a sociedade segundo os princípios das teorias neoliberais. A economia, o Estado, a democracia, a educação, a saúde e até a cultura caíam agora integralmente sob a rapina neoliberal. Nessa mesma época se divulgou de novo o livro de Anthony Downs² sobre “A teoria econômica da democracia”. Uma de suas conclusões era esta: o eleitor inteligente é aquele que não gasta um tostão para se informar, porque a utilidade marginal de seu voto é quase nula. Portanto, o eleitor estúpido é que é inteligente.

1. TULLOCK, Gordon, *Economic Imperialism*, em: BUCHANAN, James M./TOLLISON, Robert D. (ed.), *Theory of Public Choice. Political Applications of Economics*, Ann Arbor. University of Michigan Press, 1972.

2. DOWNS, Anthony, *An Economic Theory of Democracy*, New York 1957 (*Teoría económica de la democracia*, Aguilar, Madrid 1973).

Pode-se resumir a argumentação neoliberal em três passos principais:

1. A análise neoliberal não nega o fato, geralmente aceito hoje por todas as correntes teóricas e ideológicas, de estar ocorrendo em todo o mundo uma sistemática destruição das fontes de produção da riqueza econômica (todos percebem este fenômeno empírico).

O fato empírico – a produção e o crescimento do produto obtido ocorrem num processo de destruição das fontes de produção de toda a riqueza – é reconhecido também pelos analistas neoliberais. Mas pouco o analisam e menos ainda prestam atenção à ameaça que consiste neste fato: o processo parece ter caráter cumulativo.

O fato se deixa observar hoje, com mais visibilidade, em duas grandes crises da economia mundial:

a) a crise do ser humano, perante a ameaça de exclusão de parcelas enormes da população mundial da divisão social do trabalho. Esta exclusão parece estar aumentando sempre mais. Obriga as populações excluídas a estratégias precárias e desesperadas de sobrevivência, que põem em risco a própria sociedade. Essa exclusão é visível em todo o mundo, porém mais intensamente no Terceiro Mundo. Todavia, a exclusão da população no Terceiro Mundo tem graves repercussões no Primeiro Mundo. Um desses efeitos é a migração da população para os centros, provocando a construção de um novo muro em redor dos países do Primeiro Mundo, para transformá-los em fortalezas. Fortaleza-Europa, Fortaleza-EUA. O muro de Berlim, que caiu em 1989, não permitia a saída. O novo muro não deixa entrar. Aparece na Europa entre Gibraltar e Tanger e entre os países da Comunidade Européia e o mundo ex-socialista. Na América do Norte aparece entre os EUA e o México, entre a Flórida e o Haiti e a República Dominicana.

b) a destruição sempre mais intensiva dos recursos naturais e de todo o meio ambiente. O desmatamento, o envenenamento do ar, da água e do solo, os resíduos tóxicos, o buraco na camada de ozônio... comprovam esta crise. Sempre mais se acha ligada ao problema da exclusão da população, porque as estratégias desesperadas de sobrevivência são um fator importante – e possivelmente o fator mais difícil de se controlar no futuro – da própria destruição da natureza. O problema humano e a crise do meio ambiente são inseparáveis.

2. A teoria – e a ideologia – neoliberal contrapõe a essas crises, cuja existência não ignora, a tese da existência de uma mão invisível do

mercado, que dirige toda a sociedade capitalista por forças de auto-regulação para a harmonia de um interesse geral. Portanto, exige fé no mercado e humildade diante dos seus métodos.

A análise neoliberal vê o mercado como “societas perfecta”. Aquilo que Marx analisa como efeito da ausência da totalidade concreta – isto é, das leis que surge não intencionalmente por trás dos produtores – surge aos olhos dos neoliberais como efeito das distorções que o mercado está sofrendo. A totalidade concreta da divisão social do trabalho e da natureza é substituída pela totalidade abstrata do mercado total e seu equilíbrio geral. Por uma força mágica, que seria a “mão invisível”, o mercado cria a harmonia geral.

3. Segundo a análise neoliberal, a causa da destruição é a intervenção no mercado, i. é, as tentativas de se opor ao processo destruidor (organizações populares, Estado intervencionista etc.). Considera-se a atitude crítica diante do mercado como soberba ou orgulho.

Trata-se de um golpe de força do pensamento neoliberal, que considera os esforços concretos para impedir a destruição a razão de sua existência.

Na visão neoliberal, as falhas do mercado se corrigem por mais mercado. O mercado é perfeito; o ser humano, porém, imperfeito. O mercado contém uma promessa de salvação, na mesma medida em que é sacralizado como tal. Portanto, não se deve reagir nem contra as distorções da divisão social do trabalho nem da natureza. É preciso ter fé no mercado: a fé salva.

As teorias neoliberais se baseiam no pensamento liberal anterior, especialmente na teoria do equilíbrio real elaborada por Walras/Pareto. Repetem constantemente a fórmula de Adam Smith sobre a “mão invisível” do mercado e a interpretam na linha das “forças auto-reguladoras do mercado” estruturalmente automáticas. Mas esta coincidência obscurece facilmente o fato de que entre o pensamento liberal e o neoliberal existe um corte profundo.

Certamente, também os pensadores liberais acreditam nas forças auto-reguladoras da “mão invisível”. Mas ao mesmo tempo as relativizam. Por isso se convencem facilmente de que é preciso complementá-las por intervenções no mercado. Os pensadores liberais raras vezes totalizam o mercado, mas o vêem como o centro da sociedade, em redor do qual é preciso empreender atividades corretivas que mantenham o mercado dentro de limites. Em seu modo de ver, o mercado não é uma

“societas perfecta”. Isso explica por que os pensadores do capitalismo intervencionista e reformista, da “sociedade do bem-estar” (anos 50-60), são pensadores liberais, inclusive Lord Keynes. Este, com muita insistência, afirma a necessidade de se ter uma mão visível ao lado da mão invisível, e assim se mantém nos limites gerais do pensamento econômico liberal.

Já os neoliberais totalizam o mercado, vendo-o como “societas perfecta”, sem restrições. Reduzem toda a política a uma aplicação de técnicas de mercado e renunciam à busca de compromissos. Deixam de negociar, para impor. O lema central se poderia resumir assim: Para as falhas do mercado, mais mercado! As falhas nunca são do mercado como tal, e sim resultado de distorções que o mercado está sofrendo. As crises da exclusão e do meio ambiente, portanto, não são resultado de uma falha do mercado, mas surgem do fato de que o mercado não foi ainda suficientemente totalizado e mundializado. A isso se acrescenta: Para as falhas da tecnologia, mais tecnologia! Para as falhas da guerra, mais armamentos! A própria “guerra nas estrelas” se baseava nesse utopismo infinito, orientado pela invulnerabilidade de um Aquiles sem calcanhar, cuja segurança repousaria em um armamento ilimitado.

Ocorre uma inversão. Os problemas concretos da exclusão da população e da destruição do meio ambiente são vistos como resultado das distorções sofridas pelo mercado. Do ponto de vista neoliberal atestam somente o fato de que não houve o devido respeito pelo mercado. Por isso, a razão do desemprego é a política do pleno emprego, a razão da miséria é a existência do sindicato e do salário mínimo, a razão da destruição do meio ambiente é a insuficiente privatização dos recursos naturais. Esta inversão do mundo, em que uma instituição pretensamente perfeita substitui por completo a realidade concreta para devorá-la, explica a mística neoliberal da negação de qualquer alternativa, quer se busque dentro dos limites do capitalismo em geral ou não³.

Essa totalização do mercado está subjacente à própria política dos centros financeiros mundiais, que imaginam que se resolva o problema

3. Eis as palavras de Hayek:

“... não bastará frear aqueles que desejam destruir a democracia para alcançar o socialismo, ou mesmo aqueles totalmente comprometidos com um programa socialista. O mais forte apoio à tendência socialista vem hoje daqueles que afirmam que não querem nem capitalismo nem socialismo, mas um ‘caminho intermediário’ ou um ‘terceiro mundo’”. HAYEK, F. A., El ideal democrático y la contención del poder, em *Estudios Públicos* n. 1, dezembro de 1980, Santiago do Chile, p. 73.

do mundo na medida em que se aperfeiçoa aquilo que denominam “mundialização dos mercados”. Daí resulta, usando o conceito de totalitarismo de Hannah Arendt, uma ideologia totalitária que leva a uma política de “tabula rasa”, chamada no jargão neoliberal de “política de choque”. Guia-se por um princípio que Reagan usou muitas vezes em suas campanhas eleitorais: “Não há problema com o Estado; o Estado é o problema”. Hayek o liga até à mística da “última batalha”:

“A última batalha contra o poder arbitrário está diante de nós. É a luta contra o socialismo, a luta para abolir todo poder coercitivo que pretenda dirigir os esforços individuais e distribuir deliberadamente os seus resultados”⁴.

A anti-utopia secularizada e a apocalíptica⁵

O mercado total em sua representação do automatismo do mercado é, como tal, utópico no sentido de uma *societas perfecta* e de uma instituição perfeita. Trata-se porém de uma utopia que não é percebida como tal, mas é identificada com a realidade. Reconhecê-la é considerado como realismo ou pragmatismo. O neoliberal, ao proclamar suas utopias, sente-se um realista. Em seguida, este realismo aparente se perfila diante de todas as utopias, tendo como resultado que todas as imaginações libertárias ou solidárias, que questionam o mercado, parecem utopias. Portanto, a ideologia do mercado total se faz passar como anti-utópica. Na verdade, somente o é em referência a todas as utopias ou horizontes utópicos, que apresentam uma liberdade ou solidariedade concretas. Em fazendo isto, especialmente com as utopias socialistas, a ideologia do mercado total é anti-utópica em face delas. Por isso, anti-utopia e antimessianismo são seus traços fundamentais, enquanto se trata de projeções utópicas da solução de problemas concretos.

Todavia, desta sua anti-utopia a ideologia do mercado infere conseqüências utópicas. Desenvolve portanto uma utopia cuja realização promete como resultado da destruição de todas as utopias. Destruir

4. HAYEK, F., *op. cit.*, p. 74. Daí se chega a uma ideologia obviamente complementar da ideologia da ortodoxia socialista na ex-União Soviética. Somente substitui as “relações socialistas de produção” pelo mercado total. Todo o resto permanece de pé. Sobre essa complementaridade, cf.: HINKELAMMERT, Franz, *Capitalismo sin alternativas? Sobre la sociedad que sostiene que no hay alternativa para ella*, em *Pasos*, Nr. 37, set./out. 1991, DEI, San José.

5. Cf. HINKELAMMERT, Franz, *Democracia y Totalitarismo*, DEI, San José, 1987, p. 196-199.

movimentos utópicos e imagens utópicas se perfila agora como o caminho da realização desta mesma utopia. De seu anti-utopismo frenético esta ideologia deriva a promessa utópica de um mundo novo. Tese básica é esta: quem destrói a utopia, realiza-a. Já o fato de se oferecer o mercado total como *societas perfecta* e como concorrência perfeita mostra claramente este horizonte utópico da anti-utopia. As denominações escolhidas para designar esta sociedade de mercado revelam já que o pretenso realismo de mercado não passa de utopismo ilusório. Reagan se refere a esta sociedade do mercado total e agressiva como “a cidade que brilha nas colinas”, o que significa na linguagem esotérica dos EUA nada menos que uma nova Jerusalém ou um reino milenar. Igualmente, Reagan anuncia a sociedade dos EUA como “a luz eterna”, como “a catedral da liberdade” e como “o farol que para sempre ilumina a humanidade”. Assim a *societas perfecta* do automatismo do mercado recebe o seu brilho utópico, que tanto mais brilha quanto mais tenebrosa se pinta a conspiração mundial do Reino do Mal. Para que esta utopia resplandeça sempre mais, precisa apenas destruir os utopistas que constituem o Reino do Mal. Trata-se de uma utopia anti-utópica agressiva, cuja realização se anuncia como o resultado da destruição de todos os utopistas deste mundo.

O caminho para esta utopia não consiste em assegurar a paz e o desenvolvimento humano solidário. Pelo contrário, aqueles que desejam isto são considerados precisamente como os utopistas. Para que a humanidade se encontre a si mesma, é preciso assegurar a luta e destruir a solidariedade. Querer a paz e o desenvolvimento solidário de toda a humanidade é sinal do Reino do Mal. A vida é um combate, e a liberdade consiste em ser livre para lutar. A luta é o princípio de vida da sociedade. Portanto, quem se coloca contra esta luta vai contra o princípio de vida da humanidade. Portanto é necessário travar luta, uma luta que assegure este princípio de vida da sociedade, que é justamente a luta. A utopia ameaça a existência desta luta e, portanto, é necessário travar uma guerra total contra a utopia. Ganhando esta guerra, cria-se um mundo novo que pode ser agora utopicamente celebrado. Que a luta se imponha definitivamente como princípio de vida da humanidade, eis o novo mundo utópico!

A ideologia do mercado total não é senão a forma neoliberal do desenvolvimento desta ideologia de luta. Trata-se da ideologia de uma luta que se trava no mercado e é o princípio de vida do mercado e de toda a sociedade. É preciso proteger esta luta contra os movimentos

populares e os intervencionistas do Estado, para que o mercado possa dar os seus frutos. O lema para estender e assegurar esta luta do mercado se chama: mais mercado! A luta contra a utopia, também aqui, é uma luta que se trava para poder lutar livremente. Além da utopia, aparece portanto como adversário qualquer tipo de humanismo. Sua destruição é de novo celebrada como recuperação do humano, que é simplesmente o respeito por essa luta.

Destruir a utopia, para que o homem possa ser verdadeiramente humano, abolir o humanismo, para se recuperar o humano, eis agora o caminho para oferecer uma utopia na anti-utopia.

No entanto, esta utopia anti-utópica não celebra apenas o que há. Fundamenta um processo de mercado total que tem uma dimensão infinita voltada para o futuro e ao qual se atribui uma perspectiva. Esta sociedade de mercado não é só “uma cidade que brilha nas colinas”. Acha-se ao mesmo tempo em um processo para chegar a se tornar tal. Através de um processo infinito de totalização do mercado consegue ter uma perspectiva infinita. Não é somente a presença de um princípio utópico, mas ao mesmo tempo futuro utópico.

Por um lado se fabrica esta utopia por uma expropriação e manipulação da utopia socialista tradicional que se une agora com relações de produção capitalista. Isso implica reformulações, mas assumindo, nesta manipulação da utopia, imagens centrais de esperança surgidas na tradição socialista.

Pode-se demonstrá-lo com um discurso de Reagan à juventude alemã em Hambach (*Frankfurter Rundschau*, 07/05/1985).

Reagan começa anunciando um futuro brilhante, que se ergue contra a tirania:

“Vocês podem continuar com seus sonhos até as estrelas... e nós, que vivemos nesta grande catedral da liberdade, não devemos esquecer nunca: veremos um dia diante de nós um futuro brilhante; veremos surgir as cúpulas da liberdade e – também podemos prever – o final da tirania, se cremos em nossas forças maiores: nossa coragem, nosso valor, nossa capacidade infinita de amor”.

Segue-se a descrição do futuro brilhante que vai desembocar em frases que quase textualmente poderiam ser de Bebel ou Trotski:

“Vamos transformar o extraordinário em cotidiano – assim opera a liberdade –. E os mistérios do nosso futuro não pertencem apenas a nós aqui na Europa

e na América, mas a todos os homens em todos os lugares e para todos os tempos... O futuro está esperando o seu espírito criativo. De suas fileiras pode crescer para o futuro da Alemanha um novo Bach, um novo Beethoven, um novo Goethe ou um novo Otto Hahn”.

“Transformar o extraordinário em cotidiano” é uma velha fórmula utópica. August Bebel dissera no final do século XIX:

“As gerações futuras... realizarão sem grande esforço tarefas nas quais, no passado, cabeças extraordinárias pensaram e para as quais tentaram encontrar soluções, sem conseguir encontrá-las”.

Também Trotski sonha com a transformação do extraordinário em cotidiano:

“A média humana vai elevar-se até o nível de um Aristóteles, Goethe, Marx. Por cima destes píncaros vão erguer-se novas cúpulas”.

Reagan une esta utopia, que chama de “a verdadeira revolução da paz em liberdade”, com utopias de progresso técnico e com a utopia de uma paz considerada como o resultado de um armamentismo desenfreado e sem limites.

Tudo isso apresentado como lei da história:

“A história não está do lado daqueles que manipulam o sentido de palavras como revolução, liberdade e paz. A história, porém, está do lado daqueles que lutam no mundo inteiro por uma verdadeira revolução da paz em liberdade”.

Sempre é a história que decide de que lado está a liberdade: está do lado daquele que ganha. Este precisamente é o fim da história, tão desejado tanto pelos estalinistas como pelos neoliberais.

Em seu livro *O triunfo da política* (1986), David Stockman atesta a proximidade entre neoconservadorismo, o fundamentalismo cristão dos EUA e o neoliberalismo. Chama de monstro e fera tudo aquilo que não for totalização do mercado. Como muitos neoliberais, ele se apresenta como um convertido da esquerda, que encontrou seu realismo no neoliberalismo e seu respectivo utopismo. De um de seus professores liberais na juventude, ele diz que “em três meses destruiu tudo em que eu tinha acreditado, desde o bom Deus até a bandeira estrelada” (segundo publicação de capítulos do livro no *Spiegel* 1986, n. 16, p. 201). Considera a política como tal como um intervencionismo prejudicial: “Os políticos estão arruinando o capitalismo americano” (*ibidem*, p. 210). Como o intervencionismo cria dependências, Stockman,

que já foi diretor do orçamento no Governo Reagan, quer cortar o cordão umbilical da dependência. “Meu plano confiava em uma dor breve e aguda, em benefício de uma recuperação da saúde a longo prazo” (*ibidem*, p. 219). “Isto significava também o corte repentino da ajuda social para os necessitados com capacidade de trabalho... somente um chanceler de ferro poderia impor esse programa” (n. 16, p. 219); um “exterminador de dragões” (*ibidem*, p. 222).

Conta como caiu nas mãos dos utopistas. Fui “seqüestrado para duas gigantescas babéis pecaminosas por uma horda de amigos da paz esquerdista...” Uma era um seminário com pensamentos liberais: “desarmamento atômico, integração de raças e outras utopias”. Ao outrô se refere quando conta “com que temor me encontrei no hall do edifício da ONU, aquele bastião dos defensores da distensão, dos comunistas e dos herejes esquerdistas. Eu tremia, pensando na ira de Deus sobre minha permanência nesse mercado da maldade...” (*Spiegel*, n. 17, p. 177). Mas não menciona expressamente, embora certamente o tenha presente: era a sede do Anticristo. Seu pano de fundo fundamentalista é evidente.

Salvou-se lendo Niebuhr: “Niebuhr era um crítico implacável do utopismo” (*ibidem*, p. 177). E o próprio Stockman se tornou um “exterminador de dragões”. Sobre “a tendência para a economia estatizante” fala como se fosse um “monstro” e diz: “... eu combati contra ele com a espada forjada pelo economista do mercado F. A. Hayek”.

No entanto, lutando contra a utopia, ela acabou voltando à cena, mesmo que fosse agora na forma anti-utópica do neoliberalismo, à qual Stockman se refere como “nova doutrina da oferta”: “Em um sentido mais profundo, todavia, a nova doutrina da oferta não era senão uma reedição de meu antigo idealismo social em nova forma e, como eu acreditava, amadurecida. O mundo podia começar de novo desde os seus primórdios. As crises econômicas e sociais, que estão aumentando, poderiam ser superadas. Os males herdados, os males antigos do racismo e do empobrecimento geral, poderiam ser superados por reformas profundas que partiam das causas políticas. Mas sobretudo a doutrina da oferta ofereceu uma alternativa idealista para o sentido do tempo cínico, pessimista” (*ibidem*, p. 185). As reformas de base, que partem das causas políticas, e às quais se refere Stockman, são ações contra qualquer intervenção estatal e qualquer influência política no mercado. O notável idealismo social de Stockman socorre o desempre-

gado tirando-lhe o seguro-desemprego e celebra esta medida como um passo no caminho realista para a eliminação da pobreza e do desemprego.

Tudo isso tem um pano-de-fundo religioso, que coincide nitidamente com o fundamentalismo cristão. Stockman fala inclusive a sério do "evangelho da oferta" (*ibidem*, p. 192)⁶.

A sacralização das relações de produção: o caráter conservador da utopia

Dá-se uma total sacralização das relações sociais de produção. Isso explica a enorme semelhança entre a ideologia estalinista e a neoliberal. Ambas sacralizam as suas relações de produção correspondentes de maneira análoga.

Como qualquer alternativa a esta sacralização tem que partir da afirmação da solidariedade humana em face das crises concretas da divisão social do trabalho e do meio ambiente, a ideologia da *societas perfecta* vai diabolizar a solidariedade humana. Esta age também por inversão. Todos solidariamente renunciam à solidariedade. Todos unidos lutam contra aqueles que se querem unir. Como na *pro-slavery-rebellion*, os donos de escravos agem solidariamente em favor da escravidão e contra a solidariedade humana, vai surgir aqui uma rebelião contra toda solidariedade humana que convoca à ação comum de todos.

Tem-se então a promessa da salvação, a Boa-Nova (ou Evangelho) do liberalismo econômico:

1. Abundância (satisfação de todos os desejos)
2. Promessa de crescimento sem fim
3. Unidade da humanidade através do mercado
4. Aceitação da destruição do ser humano e do meio ambiente contando com as forças salvadoras do mercado que, por meio do crescimento ilimitado, asseguram o caminho para superá-la.

6. Trata-se de uma biografia que explicita bem o surgimento da utopia anti-utópica. Sobre a ideologia do neoliberalismo, cf. Franz J. HINKELAMMERT, *Crítica a la Razón Utópica*, DEI, San José, Costa Rica, 1984, p. 53-94.

Esta promessa utópica do mercado total não se exprime unicamente nos discursos políticos. Os discursos políticos são apenas a ponta do iceberg desta grande utopia. Seu campo de difusão e predomínio por excelência é a propaganda comercial (publicidade). Nesta se encontra todo o mundo dia e noite debaixo do bombardeio de uma utopia anti-humana, da qual praticamente não se consegue escapar. Esta promessa de um mundo de salvação se acha presente em toda a parte.

Por isso, a propaganda comercial não tem como seu impacto central nenhuma informação para os consumidores. Uma boa parte da propaganda não contém informação nenhuma. A informação que traz é o veículo da criação de mitos utópicos, e a mercadoria se transforma na portadora desses mitos. São mitos desconexos que, em conjunto, no entanto, constituem um grande mito utópico total que tem um enorme grau de coerência. Esta grande utopia total não precisa exprimir-se nunca como tal, apesar de se achar presente como totalidade em todas as suas partes. Esses mitos da propaganda comercial podem ser estudados, no sentido de Lévi-Strauss, como mitemas. Os mitemas configuram um mito total, mas explicitamente não o revelam em parte nenhuma. São compreensíveis mais facilmente a partir da construção reflexiva do mito total. No entanto, sem esta construção consciente, são portadores do mito total, embora sejam assumidos apenas subconscientemente como tais⁷.

Podemos mostrá-lo com alguns exemplos. Quando se faz o anúncio de uma bebida declarando que “Tudo vai melhor com Coca-Cola” ou “Beba Fanta e ponha música em sua garganta”, a bebida se transforma em mito. É seu veículo, que sem este mito não teria nenhum sabor especial. O mito é parte integrante do seu sabor, embora não o substitua.

O Instituto Costarricense de Eletricidade (ICE) nos seduz: “Eletricidade é magia... Novamente descobrimos a magia da eletricidade, vendo como ganha valor através dos olhos de uma criança... geração após geração”⁸. “Sabonete Kashmir é tão suave para a pele do bebê como as carícias da mamãe”. “Com absorvente Tampax você tem liberdade” (*Buenhogar*)⁹.

7. LÉVY-STRAUSS, *Antropologia estrutural*.

8. *La Nación*, San José, 31/10/93.

9. Revista *Buenhogar*.

Esse mito do produto recebe também a sua bênção religiosa, por exemplo, numa propaganda transmitida pela Rádio Católica da Costa Rica: "Nosso pão de cada dia, padaria Schmitt e Cia." ou "Na Importadora Monge eu tenho fé". Nesses casos, o caráter blasfemo da mitificação dá na vista, embora se esconda por trás de aparente piedade. Coca-Cola faz propaganda como o pessoal da Igreja Eletrônica: "Hoje Coca-Cola vai mudar suas emoções para sempre! Não perca esta oportunidade... Você lamentaria para sempre! Canais de televisão..."¹⁰ *Per omnia saecula saeculorum, aeternitas aeternitatis.* "... COQUETA lhe oferece mais que qualquer outra revista juvenil. COQUETA está sempre pensando em você!"¹¹ *Big Brother is watching you!*

Todavia, esta mitificação dos produtos comerciais se inscreve na mitificação do desenvolvimento técnico no sentido de progresso. Dat-sun anuncia seus automóveis como "Veículos do progresso" (*La Nación*, San José, 14/11/93). A Universidade Panamericana promete: "Colocamos ao seu alcance um amanhã cheio de progresso"¹².

O progresso avança para um mundo melhor. Hyundai se oferece como o fiador: "Mais... É a opção para conseguir uma coisa melhor... O melhor é possível!"¹³ Apresenta-se um conjunto residencial: "Construa hoje o seu futuro..."¹⁴. "Transforme em realidade um sonho de Natal", diz uma grande loja¹⁵. E um banco chama assim nossa atenção: "Aplicuem em valores sólidos!"¹⁶ E a loja "El Globo" nos aguarda no "Novo Mundo"¹⁷. Desenhos infantis recebem no Japão o prêmio "Ouro do Sol Nascente".¹⁸ A felicidade ao alcance da mão: "A Felicidade não se compra. Se troca... Com financiamento em até 36 meses, garantia de satisfação total e o serviço de uma empresa com o prestígio da XEROX. Isto é felicidade. E não se compra, se troca"¹⁹. Uma agência de viagens afirma: "A diversão nunca acaba"²⁰. Todas as lágrimas serão enxutas:

10. *La Nación*, 21/11/93.

11. Revista *Vanidades*.

12. *La Nación*, San José, 15/11/93.

13. *La Nación*, San José, 14/11/93.

14. *La Nación*, San José, 14/11/93.

15. *La Nación*, San José, 15/11/93.

16. *La Nación*, San José, 14/11/93.

17. *La Nación*, San José, 05/11/93.

18. *La Nación*, San José, 05/11/93.

19. *La Nación*, San José, 02/11/93.

20. *La Nación*, San José, 03/10/93.

“No planeta Reebok... todos saem ganhando”²¹. Tudo é total. A Panam promete aos viajantes: “O conforto total”. E “Atenção total. É o que recebe o seu automóvel em nossa oficina”²². O progresso nos permite viver como deuses: “1969: Apolo XI chega à Lua. 1993: um trem Apolo chega a Cartaga. Tudo graças ao Intertrém. Una-se aos milhares de viajantes que desde 19 de outubro desfrutam o prazer de viajar como os deuses! Intertrém!”²³ Hitachi nos oferece os trens rápidos de amanhã: “Hitachi a toda a velocidade... O que importa não é só ir mais depressa, mas servir com maior eficiência as pessoas. Por isso, Hitachi se dirige a toda a velocidade para o futuro visando fazer presente o seu benefício para todos”²⁴.

Esta propaganda é sobremodo interessante. Vincula o progresso e os sonhos que realizará com a unidade da humanidade e com o conforto de todos. Hitachi oferece trens sempre mais rápidos. E faz a propaganda na América Central, onde durante séculos não haverá procura potencial para esse tipo de trens. Mas oferece os trens a sério, pois a oferta é simples pretexto para a mitificação. Trata-se do mito da empresa Hitachi. Mas promove esse mito em nome desses trens que nem pensa em poder vender no país – Costa Rica – onde se veicula o anúncio. Mas o mito é criado com base no mito do progresso, sempre mais veloz e mais eficiente. E sacraliza esse progresso insistindo em que o seu fim próprio é fazer presente o benefício para todos. E isso “a toda a velocidade”. Hitachi trabalha para o bem de toda a humanidade e, por isso, é, como empresa, portadora deste bem. A própria empresa se transforma em mito.

A unidade da humanidade se encontra dobrando a esquina. Um banco hipotecário alemão se apresenta assim: “Nós construímos sobre você: você constrói sobre nós” (“Wir bauen auf Sie, Sie bauen auf uns”). O mercado parece a perfeita realização da solidariedade humana. Comprando se exerce a Caritas: “Emergência! Salvem a vida de mais de 90% de crianças que sofrem por falta de equipamentos! Compre os produtos Colgate ou Palmolive e ajude o Serviço de Emergência do Hospital Nacional Infantil... os produtos Colgate ou Palmolive doarão cinco cruzeiros reais por cada embalagem dos produtos Colgate ou

21. *La Nación*, San José, 14/11/93.

22. *La Nación*, San José, 03/10/93.

23. *La Nación*, San José, 31/10/93.

24. *La Nación*, San José, 02/11/93.

Palmolive depositada nas caixas situadas em hospitais, farmácias, supermercados e escolas”²⁵.

E o mundo está sempre mais perto da unidade, sobretudo segundo a propaganda do Cartão VISA: “Estamos sempre mais... com a mesma identidade. É iminente a mudança para o progresso”²⁶. E uma agência turística: “Somos muitos, certo!?”²⁷ Lancôme convida as mulheres: “Vamos captar a sua melhor expressão Lancôme... Mês da expressão Lancôme... Durante um mês vamos captar suas melhores expressões e a transformaremos em uma mulher Lancôme”²⁸. E quem realiza tudo isso é o homem do poder. Um Notebook eletrônico promete: “Concentração de poder!” (*La Nación*, San José, 31/10/93). Assim também os cartões de crédito concentram “o poder da sua assinatura!”

Não há problema do meio ambiente que importe diante desta utopia do mercado. A empresa química alemã BASF celebrava em 1992 o seu centenário com este slogan: “Cem anos a serviço do meio ambiente”. Bush dizia depois da Conferência do Rio: “A proteção ecológica e uma economia em crescimento são inseparáveis. É contraprodutivo promover uma em detrimento da outra”. E acrescentava: “As nações que lutam para satisfazer a maior parte das necessidades fundamentais de seus povos podem gastar pouco para proteger o meio ambiente”²⁹. O mito do crescimento infinito apagava todas as distinções: “Embora ocorra o aquecimento da atmosfera (efeito-estufa), os países ricos encontrarão soluções graças à sua tecnologia”³⁰. O próprio progresso é apresentado como o remédio para as destruições originadas pelo progresso técnico.

A utopia do mercado total nos envolve o tempo inteiro por todos os lados. O sistema gasta enormes quantias para propaganda (nos EUA a publicidade representa 5% de todo o PIB). Mas não há nenhuma instância que o invente nem central alguma que se preocupe com a sua divulgação. Surge com o próprio mercado e é compartilhado pelos seus participantes, sobretudo aqueles que exercem o poder nos mercados. Trata-se de um mito e de uma utopia criados pela “mão invisível” do

25. *La Nación*, 20/11/93.

26. *La Nación*, 31/10/93.

27. *La Nación*, San José, 14/11/93.

28. *La Nación*, 19/11/93.

29. *La Nación*, San José, Costa Rica, 12/06/92.

30. Segundo Mohammed Larbi BOUGUERRA, Au service des peuples ou d'un impérialisme écologique, em *Le Monde Diplomatique*, maio de 1992, p. 9.

mercado. Não há jeito de escapar-lhe, embora jamais alguém consiga alcançar suas origens. Impõe-se no entanto em toda a parte.

Mas é ao mesmo tempo um tabu do mercado. Ninguém explicita o mito, embora todos o conheçam. Explicitar o mito na sua totalidade já constitui uma crítica. É tão primitivo, tão obviamente falso, que a sua mera explicitação revela a mentira coletiva que o mito implica. Por isso, esconde-se, e somente assim consegue manter a sua eficiência.

Embora, nesta sua forma vigente, a utopia total nunca seja descrita e elaborada reflexivamente, existe um lugar teórico onde a teoria econômica burguesa a resume. Trata-se das teorias da “mão invisível”, da tendência ao equilíbrio do mercado e do equilíbrio geral das forças do mercado, tal como foram fundamentadas por Walras/Pareto. Mas tem uma forma aparentemente neutra e totalmente asséptica. Está escrita numa linguagem que parece “realista” e pragmática. Fórmulas matemáticas artificiosas encobrem os bastidores da teoria. Morgenstern, em 1936, elabora uma crítica demolidora do conteúdo metafísico-utópico desses modelos matemáticos. Sua crítica, porém, o vento a levou. Continua tão vigente como naquela época, mas continua igualmente ignorada.

A utopia do mercado total é visivelmente a inversão de todas as utopias de libertação de todos os tempos. Promete tudo aquilo que a esperança dos povos oprimidos esboçou como horizonte de resistência. Expropria-a e apropria-se dela. A esperança da libertação é transformada pela utopia do mercado na esperança a partir da renúncia a qualquer libertação. Trata-se de um futuro infinito prometido como o resultado da submissão infinita aos poderes do sistema. Por isso, a utopia do mercado total é uma das formas do Anticristo da esperança cristã também. É um sermão blasfemo desde as suas raízes. O “evangelho” do mercado, de que falava Stockman, é afinal de contas um anti-Evangelho: “Hoje a Rádio Schack contagia todo o mundo... Nosso vírus nos trouxe uma nova e simpática doença, a Epidemia Natalina”³¹.

Trata-se da utopia de uma sociedade que esconde o inferno, que está produzindo na terra, pelo ilusório brilho de seus céus utópicos. Cativeram a utopia para usá-la como arma contra os povos mais pobres. A utopia do mercado é o produto precisamente das burocracias e das

31. *La Nación*, San José, 17/11/93.

grandes administrações de nossa sociedade. Quanto maior a burocracia empresarial, tanto mais utópica. São justamente as burocracias das empresas multinacionais e das grandes corporações, mas também as grandes burocracias militares que mostram o maior fervor utópico.

Há uma clara semelhança entre esta utopia do mercado e a utopia que dominava o socialismo soviético durante muitos anos. Também a utopia do progresso comunista é a utopia dos grandes aparelhos burocráticos da União Soviética. Ambas são utopias do progresso, de aspiração universal, prometendo a unidade do gênero humano em torno de uma institucionalidade homogênea. Da mesma forma, as duas são absolutamente necessárias para a legitimidade do sistema social correspondente. A sociedade moderna e secularizada não pode sacralizar-se a não ser por meio da utopia. Quando se mina esta utopia, solapa-se pela base a sociedade e esta entra em processo irreversível de mudança. Os sistemas sociais modernos são utopias institucionalizadas e objetivadas. Por isso, quando se mina o sistema ocorre sempre ao mesmo tempo um abalo nos pilares de sua utopia respectiva. Desvanece-se a crença de que a utopia respectiva seja "realista".

Hoje, a utopia do mercado se encontra submetida a esse processo de solapamento. A reação é uma efervescência maior de seu utopismo frenético, um aumento de seu dogmatismo e um enrijecimento nos princípios que regulam seu procedimento. Entra num processo de progressivo abalo, que mostra perfeitamente seu vazio. Mas o colapso do socialismo histórico não é a vitória do capitalismo, mas um sinal do colapso de todas as utopias do progresso automático rumo à plenitude. Por isso, o que começou a ficar à mostra com o colapso soviético, continua agindo. Desponta a ameaça do desespero e com ele a utopia da mística da morte. Torna porém a surgir a utopia como esperança de libertação. De lado algum se vislumbra nenhum "fim da utopia". O que se vislumbra são novos espaços utópicos que poderiam libertar o caminho para um confronto com as utopias conservadoras do poder e para libertar o caminho para a busca imprescindível de alternativas, sem as quais a humanidade não terá mais futuro. As utopias conservadoras do poder fecham os caminhos para o futuro, em nome de um futuro ilusório e de cativo. Trata-se de redescobrir a utopia como espaço de liberdade e de libertação diante dos poderes estabelecidos.

Mas a analogia entre o neoliberalismo e sua utopia e a utopia soviética do socialismo real tem também os seus limites. Como ambos são objetivações de utopias do progresso automático para a plenitude

humana, o neoliberalismo não é mais que isso. O socialismo, todavia, mesmo na forma soviética, era algo mais. Contém um elemento de humanismo real, que o liberalismo assumiu também no seu tempo de reformismo burguês, mas que o neoliberalismo expurgou completamente. Hoje não existe mais um humanismo burguês, o mercado total o devorou. Quem sabe, talvez se possa dizer que o colapso do socialismo tem algo a ver com a sua incapacidade para assumir posições anti-humanistas tão totais, como pôde fazer o neoliberalismo. E tinha que se tornar capitalista, para ser tão anti-humanista também.

Por isso, a derrota do socialismo não é tão absoluta como parece agora. As soluções de que hoje a humanidade necessita, o mercado total não pode dá-las. Muitos elementos positivos desenvolvidos pelo socialismo histórico terão que retornar. A destruição total do socialismo, que hoje se está tentando, é um obstáculo adicional para a solução desses problemas no futuro.

Mística da morte e heroísmo do suicídio coletivo

A outra face desta mensagem salvífica é uma ideologia muito mais nefasta ainda. Afunda suas raízes tanto no neoconservadorismo atual como no fundamentalismo cristão dos EUA.

Trata-se da ideologia do heroísmo do suicídio coletivo, que é a única forma de sacralização das relações sociais de produção no caso de se tornar necessário aceitar que a totalização do mercado esteja precisamente na raiz do processo de acumulação destruidora da vida no planeta.

Neste caso, a cega afirmação do mercado total implica de fato o suicídio coletivo da humanidade e o heroísmo correspondente é o caminho para aceitá-lo. O caráter sacrificial do sistema extrapola qualquer limite.

Penso que a utopia neoliberal é como o canto de uma criança que vai passando de noite por uma floresta escura. Para espantar o medo, a criança vai cantando cada vez mais alto, e canta justamente canções alegres. No entanto, o transfundo desse canto alegre é o medo daquilo que poderia acontecer.

O neoliberalismo vai entoando esse canto, enquanto o neoconservadorismo e o fundamentalismo transformam esse mesmo medo no

culto à morte. Por isso são a verdadeira raiz também do neoliberalismo, embora tenham muitas diferenças entre si. Têm um medo comum, e esse medo constitui o pano de fundo do movimento conservador de massas, que hoje voltou novamente à cena.

Esta mística da morte passa pela imaginação da aniquilação de uma parte da humanidade para salvar o resto. A vitória possível com que se sonha consiste em ser o último a tombar na luta. Mantêm-se remotos sonhos de uma escapatória (por exemplo o Projeto Biosfera II). O progresso então é mistificado no sentido de que a tecnologia poderia encontrar uma saída, que hoje ainda não se vislumbra, favorecendo aquele que sobreviver mais tempo. Aqui também as imaginações que afirmam: o barco do Primeiro Mundo já está lotado! Não cabe mais ninguém! Não deixem embarcar mais ninguém!

É notável que a sociedade capitalista atual desenvolva paralelamente ao otimismo artificial da salvação pelo mercado esta mística da morte. Isso a liga ao fascismo dos anos 20 e 30 que também floresceu dentro de uma “cultura da morte”, semelhante à atual. Isto explica a volta ao primeiro plano dos autores desta cultura fascista, como Nietzsche, Carl Schmitt, Heidegger. Descobre-se então que existe uma cultura análoga em escritores como Borges, Vargas Llosa e Octavio Paz³².

Não existe livro mais violento nesta linha que a *História de Mayta* de Vargas Llosa. Mayta é personagem da esquerda peruana, que Vargas Llosa descreve como pessoa incompetente, com tendências ao terrorismo e à homossexualidade. O livro inteiro prepara a última página, em que Mayta e os seus são denunciados como o lixo da humanidade. Não sobra o mínimo traço de humanismo. No lixo vivem, portanto são lixo. Ocorre então um protesto popular, como uma revolta do lixo.

No livro *A guerra do fim do mundo*, do mesmo autor, percebe-se a mesma tendência, embora mais disfarçada. Uma de suas situações centrais é descrita assim:

Rufino se arrasta em direção a Gall, devagar. Vai chegar até ele? Vai se empurrando com os cotovelos, com os joelhos, esfrega a cara contra o barro, como uma minhoca, e Gall o encoraja mexendo o punhal. “Coisas de homens”, pensa Jurema. E pensa: “A culpa vai cair em cima de mim”.

32. Refiro-me especialmente a PAZ, Octavio, *El laberinto de la soledad* (O labirinto da solidão), FCE, México 1959. Em suas obras posteriores, Paz se mostra bem mais nuançado.

Rufino chega perto de Gall, que procura enfiar-lhe a faca, enquanto o rastreador lhe bate no rosto. Mas a bofetada perde a força ao atingi-lo, porque Rufino já não tem mais força ou por um abatimento interno. A mão pára no rosto de Gall, numa espécie de carícia. Gall também o atinge, uma, duas vezes, e a mão dele fica pousada sobre a cabeça do rastreador. Agonizam, abraçados, um fitando o outro. Jurema tem a impressão que os dois rostos, quase colados, estão sorrindo³³.

Desde Jünger, passando pelo Octavio Paz de *Labirinto da solidão*, até Vargas Llosa, toda a literatura fascista culmina nestas situações de luta de morte, que é celebrada como o grande abraço: o amor é a morte; a morte, amor. Viva a morte!

Este heroísmo do suicídio coletivo tem a sua versão fundamentalista cristã:

... este período (da tribulação) se caracteriza pela grande destruição que o homem fará de si mesmo. A humanidade estará à beira da aniquilação quando Cristo vai aparecer, de repente, para pôr fim à guerra das guerras: Armagedon³⁴.

De pretensas profecias de Zacarias (cf. Zc 14,12) diz:

Um quadro aterrador! Não é verdade? O leitor já terá algum dia imaginado que é exatamente isto que ocorre a qualquer pessoa em uma explosão nuclear? Parece que tão terrível acontecimento se dará no dia da volta de Cristo³⁵.

Quando a batalha do Armagedon chegar ao seu terrível ponto culminante e parecer que toda a vida na terra será destruída (Lindsey a imagina como guerra atômica), *neste exato momento aparecerá o Senhor Jesus Cristo e evitará o total aniquilamento*.

À medida que a história vai correndo para esse momento, permita-me o leitor perguntar-lhe: Você tem medo ou esperança de libertação? A resposta que der a esta pergunta determinará a sua condição espiritual³⁶.

Lindsey promete a “libertação” como resultado da morte. No entanto, toda ideologia da mística da morte contém esse tipo de promessa.

33. VARGAS LLOSA, Mario, *La guerra del fin del mundo*, Plaza & Janes, Barcelona 1981, p. 293-294.

34. Cf. Hal LINDSEY, *La agonía del gran planeta tierra*, Editorial Vida, Miami 1988 (*The Late Great Planet Earth*, Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Michigan 1970), p. 50. Na década de 70 se venderam nos EUA 15 milhões de exemplares, tendo sido o best-seller da época.

35. LINDSEY, p. 231.

36. LINDSEY, p. 222.

Como em seu anti-utopismo não querem a antecipação do céu na terra – que pretensamente produz o inferno aqui na terra – antecipam uma sociedade sem utopia alguma e sem nenhuma esperança. As ideologias da mística da morte não compartilham tampouco o utopismo neoliberal com suas promessas. Em seu anti-utopismo negam inclusive esta extrema manipulação da mensagem salvífica. Mas não conseguem também fugir à dimensão utópica da vida humana. Até Ludolfo Paramio vai exclamar: Viva a morte da utopia! A utopia é agora a de uma sociedade em que ninguém mais alimenta utopias e esperanças. Dante escreveu na entrada do inferno: Deixai toda a esperança, vós que entraís! A mística da morte antecipa o inferno para esta terra, para não antecipar o céu. Mas também o inferno aqui na terra é uma utopia. Assim como a antecipação do céu na terra não o realiza, assim também a antecipação do inferno cria um horizonte utópico que não se alcança nunca em toda a sua perfeição³⁷.

Também a partir daí se entende a atual íntima ligação do neoliberalismo com o neoconservadorismo e o fundamentalismo cristão nos EUA.

Esta ideologia aparece hoje sob uma forma decantada, secularizada e burocratizada. É o que acontece no último livro de Toffler:

O novo imperativo econômico é claro: Os fornecedores do ultramar nos países em desenvolvimento ou alcançam com suas tecnologias os padrões da velocidade mundial ou vão ser brutalmente eliminados de seus mercados – os mortos que tombaram pelo efeito da aceleração.

Esta é a economia 'rápida' de amanhã. Ela é a nova máquina do bem-estar, aceleradora, dinâmica, fonte do progresso econômico. Como tal, é também a fonte de um grande poder. Desligar-se dela significa ficar desligado do futuro.

Mas este é o destino de muitos dos países chamados menos desenvolvidos.

Como o sistema mundial da produção de riqueza está decolando, os países que desejam vender têm que operar à mesma velocidade que os países na

37. Este inferno aqui na terra, como o novo ideal da burguesia selvagem, tem antecedentes. Na Idade Média, muitas vezes se pintam quadros do inferno que não são outra coisa senão a visão da terra que se transformou em um inferno. Nessa maneira de imaginar o inferno, os condenados são atormentados e maltratados. Maltratados pelos demônios. Mas não há ninguém maltratando os diabos. Estes andam à vontade, como se estivessem no céu. Tudo vai bem para eles, ninguém os maltrata, e eles maltratam os pobres condenados. Vão para o inferno de olhos abertos.

posição de compradores. Isto significa que as economias lentas ou aceleram suas respostas neuronais ou perdem seus contratos e investimentos ou caem completamente fora dessa corrida³⁸.

E conclui:

Um grande muro separa os rápidos e os lentos, e este muro está crescendo sempre mais a cada dia que passa³⁹.

Isto que Toffler aqui projeta e anuncia não seria a utopia do inferno sobre a terra?

Na América Latina (AL) esta “cultura da morte” não ocupa um lugar tão importante como nos países do Primeiro Mundo. Prevalece ainda o otimismo decretado da “societas perfecta”. Isto se explica, porque o Terceiro Mundo será a primeira vítima quando se der essa explosão. Se a visão de Toffler se realizar, a AL será uma das vítimas. Por isso ela não aplaude tão calorosamente como os países ricos. Prefere enganar-se a si mesma em nome das ilusões utópicas neoliberais, embora o seu resultado seja o mesmo.

Em busca de soluções

1. A humanidade está enfrentando ameaças à sua existência. Ameaças que surgem por todos os lados: bomba atômica, explosão demográfica, exclusão de uma parte sempre maior do povo do desenvolvimento econômico, degradação do meio ambiente, autocontradição do progresso. O principal meio de mobilidade, o automóvel, transforma-se no principal obstáculo para a mobilidade (cf. Ivan Illich, *De-Schooling*

38. Citado de TOFFLER, Alvin, *Powershift. Knowledge, Wealth and Violence at the Edge of the 21st Century*. Bantam Books, New York 1991. Part Six. Chapter 30: “The Fast and the Slow”, p. 389-405: “The new economic imperative is clear: Overseas suppliers from developing countries will either advance their own technologies to meet the world speed standards, or they will be brutally cut off from their markets – casualties of the acceleration effect.

This is the ‘fast’ economy of tomorrow. It is this accelerative, dynamic new wealth-machine that is the source of economic advances. As such it is the source of great power as well. To be de-coupled from it is to be excluded from the future.

Yet that is the fate facing many of today’s ‘LDCs’ or ‘less developed countries’.

As the world’s main system for producing wealth revs up, countries that wish to sell will have to operate at the pace of those in a position to buy. This means that slow economies will have to speed up their neural responses, lose contracts and investments, or drop out of the race entirely”.

39. “A ‘great wall’ separates the fast from the slow, and that wall is rising higher with each passing day”.

society). O desenvolvimento da medicina produz novas doenças, diante das quais esta mesma medicina se mostra ineficaz. Por exemplo, a Sida (Aids), que parece ter resultado de um acidente num laboratório de engenharia genética. O próprio mercado, quando se totaliza, subverte os valores éticos que são os alicerces do seu próprio funcionamento.

O desenvolvimento tecnológico ilimitado se volta contra si mesmo em seus resultados. A sociedade moderna perde a sua capacidade de regulação. Os custos do desenvolvimento técnico-econômico começam a superar os lucros em prazos sempre mais curtos. Aquilo que se ganha por um lado, perde-se pelo outro. O mundo como totalidade amarra à ação fragmentária, que deixa de progredir. No final das contas, os custos para manter esse desenvolvimento técnico-econômico vão superar a própria possibilidade do produzido realizado por ele. Ocorrendo isso, o processo se torna insustentável. O desenvolvimento mostra-se não ilimitado, mas tem um teto.

Surge então a necessidade de um novo pluralismo, que seja pluralismo de culturas, de estilos de vida, de formas de produção. Quando o crescimento atinge um certo teto, a homogeneização pelo mercado não é mais tolerável. Isso se deixa ver muitas vezes sob o título da necessária superação do "consumismo". Mas, trata-se de algo mais que isso.

2. Assassinato é suicídio: não é possível salvar uma parte da humanidade sacrificando a outra. Isso reforçaria as tendências à destruição da humanidade.

A terra fica sempre mais redonda. Sempre se viu o assassinato como uma relação dupla. A vítima é o assassinado, mas o assassinato transforma também o vitimário: transforma-o em assassino. Desumaniza-o. Não havendo assassinato, salvam-se as vítimas. No entanto, em segunda instância, salva-se também o vitimário daquela autodestruição implícita na sua transformação em assassino.

Com a nova dimensão do mundo e com suas ameaças totais, o assassino se suicida. A guerra atômica indiscriminada destrói também o assassino, embora não caiam bombas atômicas sobre o território dele. Como a terra é uma esfera, a devastação do outro implica a devastação do assassino também. O lixo tóxico que hoje se deposita nos países do Terceiro Mundo e nas águas do mar voltará contra aquele que o depositou. A transformação da Europa em fortaleza e a sua construção de uma nova muralha para impedir as migrações transforma todas as

estruturas sociais internas da Europa. Muda o caráter de sua democracia, de sua consciência, suas leis, sua percepção dos direitos humanos e da igualdade dos homens. A mesma coisa se passa com os EUA. A destruição do Terceiro Mundo leva à transformação do Primeiro Mundo, que tem necessariamente de se tornar um mundo disposto a assassinar o resto do mundo. Em o fazendo, os países do Primeiro Mundo se assumem a si mesmos como assassinos, devastados internamente pelo seu ser assassino. O atual anti-estrangeirismo na Europa atesta esta devastação.

Esta relação se torna sempre mais evidente empiricamente. Os vencedores sairão afinal derrotados. Bárbaros são aqueles que mais se gabam de sua alta cultura e de sua relação positiva com os direitos humanos.

3. As medidas para deter as tendências destrutivas passam pela ação conspirada (solidariedade) diante da totalidade ameaçada.

Deve-se criar uma consciência que se dê conta deste fato: a divisão social do trabalho e a natureza formam uma totalidade que destruirá todos, se nossos conflitos não se integrarem conscientemente na necessidade de sua conservação como totalidade. Não é possível limitar os conflitos sociais, para respeitar a própria sobrevivência das partes conflitantes, se não passarem pela mediação da totalidade social-natural. Caso contrário, não haverá vencedores, apenas destruição mútua.

4. A questão do socialismo como questão da mudança das relações de produção.

O problema do socialismo é quebrar a cadeia que vincula crescimento econômico, desemprego e destruição da natureza. Necessário se faz solucionar este problema que põe em xeque as relações de produção capitalistas. Por esta razão, o problema do socialismo é a mudança das relações, e continua sendo.

O sistema do mercado, generalizado e totalizado, vincula compulsivamente o uso da força de trabalho com a acumulação do capital e o crescimento técnico-econômico (“A poupança de hoje é o investimento de amanhã e o posto de trabalho de depois de amanhã”). Precisa do crescimento como o motor – “locomotiva” – do emprego. Quando o crescimento atinge um certo teto, aparece a exclusão de grandes partes da população e acelera-se a destruição do meio ambiente. A locomotiva pára de funcionar. Não se pode superar tal situação por uma nova aceleração do crescimento.

Esta a razão pela qual a necessidade de uma mudança das relações continua ainda na ordem do dia. E esta é a questão do socialismo. Urge estabelecer relações de produção – em nova articulação – capazes de desvincular emprego e crescimento técnico-econômico, o que é também condição para a preservação do meio ambiente⁴⁰.

O fim da utopia?

Quando hoje se fala de utopia, pensa-se na utopia como algo que Lasky resume adequadamente ao afirmar que “a essência da utopia é tanto a repugnância diante das condições presentes como a sedução por um mundo melhor”⁴¹.

Falta à definição qualquer objetividade, dado que provoca a priori uma condenação do fenômeno. Por isso, fala de “repugnância” diante da vida presente e de “sedução” pelo futuro. A definição de Lasky quer manipular os leitores. Se lhe tiramos esta condenação a priori, podemos dizer que Lasky e seus seguidores consideram “a essência da utopia a crítica das condições presentes e a esperança de um mundo melhor no futuro”. Este seria o conteúdo objetivo, sem condenação a priori daquilo que os seus seguidores consideram utopia.

Estaria certa essa definição quando observa os grandes movimentos utopistas do século XX? Tratar-se-ia da utopia do comunismo, tal como foi desenvolvida na União Soviética, da utopia da sociedade nietzscheana sem esperança alguma, desenvolvida pelos nazistas, e da utopia neoliberal do mercado total. Todos esses exemplos de utopia prometem um mundo melhor além de toda factibilidade humana e, portanto, além da condição humana e da contingência do mundo. Neste sentido, são utópicos. Mas nenhuma dessas utopias permite a menor crítica do presente. Pelo contrário, prometem a realização de outro mundo, em nome da celebração das condições presentes.

40. As únicas sociedades modernas que conseguiram fazer esta desvinculação são justamente as sociedades socialistas. No entanto, perderam muito de suas conquistas, por se dedicarem de novo ao mito do crescimento infinito. Este os levou a um desprezo pelo meio ambiente igual ao que vigora na sociedade burguesa mundial, dado que no plano do crescimento não podiam competir com a capacidade dinâmica dos países capitalistas mais desenvolvidos. Hoje, porém, procura-se conseguir a sustentabilidade da vida humana. E não se vê como alcançá-la sem recorrer a muitos dos instrumentos desenvolvidos precisamente pelos países socialistas.

41. LASKY, Melvin J., *Utopie und Revolution. Über die Ursprünge einer Metapher oder eine Geschichte des politischen Temperaments*, Hamburg 1989, p. 59.

Instalam-se à força, viram pelo avesso o mundo existente e criam condições cuja celebração sem nenhuma crítica é considerada como a garantia da passagem para um mundo melhor, um mundo perfeito. O autor neoconservador Kaltenbrunner fala desta relação com a realidade em um sentido que poderíamos resumir como “criar um mundo cuja conservação vale a pena”⁴². Esta descrição cobre os três grandes movimentos utópicos do século XX. Surgem em situações nas quais exercem determinada crítica. Lutam pelo poder, para conseguir impor-se. Uma vez conquistado o poder, criam “um mundo cuja conservação vale a pena”. Da crítica anterior passam à afirmação completa do mundo transformado por elas, sem a admissão da menor crítica. A partir daí, elaboram a sua utopia como utopia conservadora do poder. Prometem o seu “mundo melhor” como resultado da afirmação cega do mundo que eles instalaram.

O conceito de utopia de Lasky não abrange este momento utópico central, a partir do qual a utopia é apresentada como o meio de sacralização do presente. Mas a utopia se transforma na ideologia secularizada de uma sociedade inteira. Da “essência da utopia” como “a crítica das condições presentes e a esperança de um mundo melhor”, passou-se para a utopia como afirmação e cega celebração das condições presentes, sendo esta afirmação a garantia de um mundo melhor. Da utopia crítica passa-se agora para a utopia conservadora. No entanto, toda utopia conservadora considera a utopia crítica como a origem de um “reino do mal”.

A passagem da utopia crítica à utopia conservadora é sempre o resultado da tentativa de “criar um mundo que vale a pena preservar”. É o momento da política de “tabula rasa”, que se chama de revolução ou, na linguagem dos neoliberais, “política de choque”. A utopia conservadora do neoliberalismo nasce dessa política de *tabula rasa*. Nos anos 70 e 80, esta política de *tabula rasa* concentra os seus esforços nos países do Terceiro Mundo, criando as ditaduras totalitárias da Segurança Nacional⁴³.

42. “... a meta consiste em criar condições, em que a conservação se mostre possível e sensata. Condições, também, que não excluam a mudança criativa, ou antes a pressupõem”: KALTENBRUNNER, Gerd-Klaus (Hrsg.): *Die Herausforderung der Konservativen. Absage und Illusionen*, Herder, München 1974, Prefácio, p. 13.

43. O filósofo palaciano dessas ditaduras, muitas vezes – com destaque no Uruguai, Chile e Brasil –, tem sido Sir Karl Popper, filósofo da “sociedade aberta”.

Hoje está arrasando os países ex-socialistas da Europa Oriental. Tendo realizado o seu mundo transformado, o neoliberalismo criou “um mundo que vale a pena preservar”. Decreta o “fim da história” e a absoluta ilegitimidade de qualquer crítica das condições presentes da vida. Por isso, em nome da utopia conservadora, esta sociedade declara ser uma sociedade para a qual não existe alternativa. A crítica procura alternativas; mas a negação da crítica resulta da tese segundo a qual a sociedade afirmada é a única alternativa, e para ela não existe nenhuma outra. A crítica se transforma então em algo absurdo, coisa de tolos ou traidores.

Por isso, as sociedades que se legitimam por utopias conservadoras são expressamente anti-utópicas. A utopia conservadora sempre fala em nome do realismo. Por isso, nega enfaticamente o seu caráter utópico. Deste modo, a utopia conservadora vê a utopia tão depreciativamente. Como se considera realista, vê utopia só naqueles que a criticam. Considera-se realismo sem a menor sombra de utopia, embora se contemple como a perfeita realização do milênio sobre a terra, como aconteceu especialmente no caso do Nazismo (“Reich milenar”) e do neoliberalismo. Mas no próprio comunismo soviético percebem-se traços deste milenarismo, quando manipula a crença russa de ser Moscou a Terceira Roma. Tudo isso em nada modifica a convicção conservadora de ser realista, pragmática e totalmente isenta da mácula utópica.

Desta maneira, a utopia conservadora se lança contra a utopia como tal. E esta reflexão mostra como é interessante a definição de utopia segundo Lasky. É a definição que toda utopia conservadora usava e usa contra os seus críticos. Dessa definição não é apenas Lasky que fala, mas toda utopia conservadora. No caso de Lasky, trata-se da utopia neoliberal em suas diversas facetas. Quanto mais uma sociedade se utopiza e se apresenta como a única alternativa, fora da qual não existe outro caminho, e portanto se apresenta como o fim da história, tanto mais atacará todos os outros que mantêm a cabeça fria e se conservam críticos, mesmo sendo utopistas. Chega mesmo a diabolizá-los, como o fez Sir Karl Popper, ao falar sobre o Mundo Livre. Quem deseja o céu na terra, acaba provocando o inferno aqui na terra.

Os utopistas de Stalin eram os trotskistas. Os utopistas dos nazistas eram os judeus, expressão sintética para se referir através dos judeus aos bolcheviques (judeus) e aos especuladores de Wall Street (judeus), com suas respectivas utopias. Os utopistas do atual mundo livre, tão dogmatizado pela utopia neoliberal, são todos aqueles que continuam insistindo na possibilidade de alternativas para o caminho rumo ao abismo, pelo qual a política do mercado total nos está levando.

Todos esses vários “Reinos do Mal”, do estalinismo, do nazismo e do neoliberalismo, são monotonamente definidos por uma expressão que é usada pela utopia conservadora e que Lasky aplica também à utopia: “A essência da utopia é tanto a repugnância diante das condições presentes como também a sedução de um mundo melhor”.

Todavia, essas utopias conservadoras, denunciando cada uma o seu respectivo Reino do Mal, prometem sempre um mundo melhor. Mas, diversamente do mundo melhor das utopias de libertação, elas prometem um mundo melhor “realista”, cujo acesso se merece renunciando a qualquer crítica à única alternativa, para a qual não existe nenhuma outra. A utopia conservadora é o unipartidarismo no mundo das alternativas.

Por isso, é realmente nula a contribuição de Lasky para o problema efetivamente candente da crítica da razão utópica. Sua tese é parte do pensamento que necessita dessa crítica. O utopista sobre o qual se precisa falar é justamente o próprio Lasky, e por trás dele Margaret Thatcher, R. Reagan, mas também Pinochet. São utopistas da utopia conservadora do neoliberalismo⁴⁴.

Uma crítica da razão utópica não pode ser anti-utópica. A utopia é uma *conditio humana*, dimensão inevitável do pensamento até das ciências empíricas. A anti-utopia não é senão a construção de um Reino do Mal por parte da utopia conservadora. É o meio que usa para criar uma imagem maniqueísta do mundo, segundo a qual o Deus da utopia conservadora enfrenta o Lúcifer da utopia crítica, para realizar a “última batalha” para implantar o bem total⁴⁵.

44. Não se esqueça que a prisão central da ditadura de Segurança Nacional, no Uruguai, o pior lugar de tortura para os presos políticos, se chama *La Libertad*. O Mundo Livre professa hoje uma liberdade que é o nome de uma prisão.

45. F. HAYEK é um desses ideólogos das últimas batalhas: “A última batalha contra o poder arbitrário está diante de nós. É a luta contra o socialismo, a luta para abolir todo poder coercitivo que procure dirigir os esforços individuais e distribuir deliberadamente os seus resultados”: HAYEK, Friedrich A., El ideal democrático y la contención del poder, em *Estudios Públicos* N. 1, dezembro de 1980, Santiago do Chile, p. 74.

Toda utopia conservadora nasce daquilo que já citamos, ao mencionarmos Kaltenbrunner: "Criar um mundo que vale a pena conservar". Descreve o fundamento das utopias conservadoras. Promete um mundo melhor "cuja manutenção vale a pena". Ascende ao poder pela política da *tabula rasa*. Instalado o seu mundo melhor, promete mundos melhores ainda para o futuro, e esses mundos virão na medida em que se renunciar a qualquer crítica a este mundo melhor já realizado. Portanto, este mundo melhor, que surge a partir da *tabula rasa*, é um embrião que já contém potencialmente todo o futuro esplendoroso da humanidade, sob a condição de ser bem mantido e sem experimentos nem críticas.

Por isso, a definição da utopia por parte de Lasky e a definição do conservadorismo por parte de Kaltenbrunner formam uma unidade. Formulam a outra face da utopia conservadora e que perpassa todo o século XX. A utopia conservadora é simplesmente o futuro definitivo, contido no mundo criado e "cuja manutenção vale a pena". O pretenso realismo desse conservadorismo se considera o "fim da história" e, portanto, o depósito de todo o futuro humano com todas as suas aspirações imagináveis.

Por isso, as formulações de Lasky e de Kaltenbrunner têm história e não constituem de modo algum novidades.

No entanto, a afirmação de Kaltenbrunner revela um problema inerente a toda crítica. Com a pretensão de "criar um mundo cuja conservação vale a pena", já está prefigurada a sua futura transformação em utopia conservadora para o caso de conseguir o poder para determinar a sociedade. O pensamento liberal tem um conceito deste tipo a partir de suas raízes. Marx, no entanto, e também Nietzsche, procuram evitar esse processo. Mas quando o pensamento deles é transformado por movimentos políticos e adaptados a suas necessidades, também se transformam e passam doravante a ter como função "criar um mundo cuja manutenção vale a pena".

Como evitar que a crítica da sociedade acabe caindo nessa armadilha? Somente prometendo criar um mundo cuja manutenção seja impossível. O mundo melhor, que pode buscar, é um mundo que vai solucionar os problemas com os quais a crítica se defronta, para promover uma sociedade capaz de enfrentá-los. Mas a crítica não pode prever quais serão os problemas com os quais esta sociedade irá se defrontar nem, portanto, as mudanças que serão necessárias, no futuro,

para solucionar os problemas que resultarão da solução dos problemas atuais. A crítica está sempre diante de um futuro aberto, embora com toda a razão procurando um mundo melhor. Mas essa busca não é um caminho ascendente de aproximação assintótica infinita, que se vai aproximando assintoticamente de uma meta final, mas um constante refazer da sociedade diante dos seus problemas mais candentes em cada momento. O jovem Marx encontrou uma feliz expressão para exprimir esta relação da crítica com a sociedade que ele pretendia mudar: “a produção das próprias relações de produção” (“Produktion der Verkehersform selbst”).

A utopia e o impossível: dimensões teológicas da reflexão sobre a utopia

A utopia neoliberal, como já vimos, é uma utopia conservadora. É uma forma de sacralização da sociedade existente. A utopização da sociedade existente é precisamente o método para sacralizar esta sociedade em nome de pensamentos considerados como secularizados.

Mas a mesma coisa vale para a sociedade do socialismo histórico. Ela usava a imagem do comunismo igualmente com fins conservadores de sacralização da sociedade ali existente.

Mas até a mística da morte com sua utopia do inferno aqui na terra é utopia conservadora de estabilização de uma sociedade que percebe estar produzindo a destruição da própria terra.

Embora todos esses pensamentos utópicos conservadores sejam explicitamente anti-utópicos e pretensamente realistas, referem-se a horizontes perfeitamente impossíveis, que se acham além de toda *conditio humana*. No entanto, não se vislumbra em parte alguma um pensamento político sem utopia. A declaração do “fim da utopia” não passa de manobra para encobrir utopias que não se querem confessar como tais.

Com isto, chegamos a uma primeira conclusão: as utopias fazem parte da condição humana. Nenhum pensamento humano jamais conseguirá situar-se fora do horizonte utópico. Quando intencionalmente pretende um pensamento de “realismo sem utopia”, de maneira não intencional acaba reproduzindo os seus próprios horizontes utópicos.

Portanto, a discussão em torno da questão, se deve ou não ter utopia, carece de objeto. O que se deve discutir, ao contrário, é sobre a necessidade de uma relação realista com a utopia e seus horizontes. A negação da utopia nunca é realista.

Isto nos leva a uma segunda conclusão: sendo a utopia condição humana, é a conceptualização de uma sociedade além da condição humana. A condição humana como limite da possibilidade humana implica, como a sua outra face, a imaginação de uma sociedade além da condição humana. Por este motivo, a utopia é condição humana. A negação da utopia significa uma revolta contra a condição humana, da mesma forma como a pretensão de realizá-la.

Todavia, a conceptualização de uma utopia além da condição humana não contradiz nenhuma lei das ciências empíricas. As próprias ciências empíricas contêm a dimensão utópica. Por isso, a pretensão de poder realizar a utopia como um além da condição humana não vai contra nenhuma lei das ciências. Não cabe às ciências criticar as utopias. Pelo contrário, as utopias modernas sem exceção surgem em nome das ciências empíricas.

A morte sintetiza aquilo que é a condição humana. Portanto, a utopia, embora não o aceite conscientemente, postula uma sociedade além da morte. Isto vale inclusive para a mística da morte, quando, segundo Nietzsche, apregoa o eterno retorno da morte. É a utopia de uma morte que nunca morre.

A morte, no entanto, não é resultante de nenhuma lei das ciências empíricas. Não há nenhuma lei natural que origine a morte. Mediante a construção de progressos técnicos infinitos, as ciências empíricas vão dia a dia abrindo caminhos para ir além da morte. Quando o milionário manda congelar o próprio corpo em caso de morte, para ser descongelado um dia, quando o progresso técnico houver avançado o suficiente para reanimá-lo, curar sua doença e devolvê-lo à vida ainda mais jovem do que quando morreu – até o envelhecimento é uma doença na visão da medicina moderna – está perseguindo uma utopia para além da morte, que nenhuma ciência jamais poderia refutar. Todavia, trata-se de completo absurdo. O milionário congelado é a prova viva de que a utopia não está em contradição com nenhuma lei natural. Esta a razão pela qual as ciências naturais não podem servir como base para a crítica das utopias. Demonstra porém igualmente que não tem nenhum sentido propor uma “utopia concreta” no sentido de utopia realizável.

Sendo que a condição humana tem como raiz a morte, esta vem a ser um limite à possibilidade humana que só se pode derivar por negação do impossível juntamente com sua afirmação como fonte de todas as esperanças.

As utopias secularizadas não respeitam este seu limite de factibilidade. Por isso se transformam, uma vez tomado o poder em seu nome, em utopias conservadoras. Mas essas utopias conservadoras tinham sido utopias críticas no momento em que surgiram. A utopia liberal surge no século XVIII como crítica à sociedade feudal ainda existente. A utopia marxista surge no século XIX, no seio da sociedade capitalista, como crítica desta. Mas uma vez tendo na mão o poder para definir a sociedade e suas relações de produção como centro desta, transformam-se em utopias conservadoras que sacralizam por utopização a sociedade existente.

Creio que a razão deve ser procurada precisamente no fato de que todos esses pensamentos utópicos desembocam na consideração da própria utopia como uma imagem do futuro, que depois da revolução poderia ser realizada mediante a ação humana como resultado de um progresso técnico-econômico infinito. Uma vez realizada a nova sociedade, o apego a sua estabilização parece que é a única garantia de realização das metas utópicas originais. A utopia se transforma em sacralização conservadora precisamente pelo fato de que se considerava factível, embora seja apenas possível "em princípio".

Isso nos leva a uma terceira conclusão: a antecipação utópica não pode ser uma aproximação no tempo do tipo da aproximação assintótica nas matemáticas. Deve fazer presente na vida atual uma esperança utópica, cuja realização é excluída pela própria condição humana. No seio da condição humana deve vislumbrar a esperança do impossível, encarnando-a em um mundo que continua condicionado pela morte.

Contudo, como não se pode derivar a condição humana das leis das ciências empíricas, nunca se sabe a priori se uma meta atual vai além dos limites do possível e, portanto, da condição humana. Embora se conheça a morte como raiz da condição humana, não se conhece necessariamente onde se encontra a cada passo da ação humana o limite imposto por essa condição humana. No agir é que se descobre a condição humana. Andando é que se faz caminho ("se hace camino al andar...").

Esta a razão pela qual, em nome da técnica, não se podem conhecer os limites da ação humana. Precisa-se de sabedoria, coragem e cuidado na interpretação dos sinais do tempo que fazem resplandecer a condição humana, para poder usar as ciências e a tecnologia sem que elas se transformem em monstros que no final devoram a vida humana e toda a natureza.

A isso podemos acrescentar uma quarta conclusão: a Nova Terra, tal como se acha formulada nos capítulos finais do Apocalipse, é também uma conceptualização da sociedade humana que vai além da condição humana. Mas, em certo sentido, é mais “realista” que as utopias secularizadas do século XIX. Apresenta-se explicitamente como tal, e não pretende ser a meta para uma realização por meio da ação humana. Também considera este conceito algo “realista”, ainda que espere a sua realização mediante uma ação de Deus que levará o ser humano além da morte.

Diante das crises das utopias seculares pode ser uma das fontes de um novo realismo. No entanto, a própria tradição cristã nunca encontrou essa saída. Creio que hoje deverá encontrá-la, se quiser dar uma contribuição à nossa crise atual.

Sendo a conceptualização da Nova Terra um pensamento além da morte e portanto da condição humana, para a ação humana é um impossível. Quando pretende ser realista, só pode fazer esse realismo dependente de Deus, mas isso precisamente não é uma referência empírica. Portanto, do ponto de vista da ação humana, é uma utopia não factível devido à própria condição humana. Nem pode haver, portanto, no tempo uma aproximação assintótica a ela.

Por esta razão, o problema da antecipação da utopia por meio de sua encarnação nos limites da condição humana é também um ponto-chave de todo o cristianismo, hoje. Uma esperança contra toda a esperança tem que ser encarnada em cada momento da vida humana e da sociedade.

A partir daí se impõe também uma crítica da própria teologia da libertação em algumas de suas expressões. Muitas vezes ela também interpretou a antecipação do “Reino” como aproximação assintótica no tempo. Torna-se então de novo uma afirmação de uma modernidade que hoje está em crise e como tal precisa ser justamente transformada

em uma sociedade que assegure a vida de cada um dos seres humanos e da natureza, sem sacrificar a nenhuma perspectiva de progresso no futuro⁴⁶.

Endereço do Autor:
Apartado Postal 389 – Sabanilla
2070 San José/COSTA RICA

46. Cf. MO SUNG, Jung, *Economia: um assunto central e quase ausente na Teologia da Libertação. Uma abordagem epistemológica*. Tese de doutorado. Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, SP, Brasil 1993.